

BARCELOS TERRA CONDAL

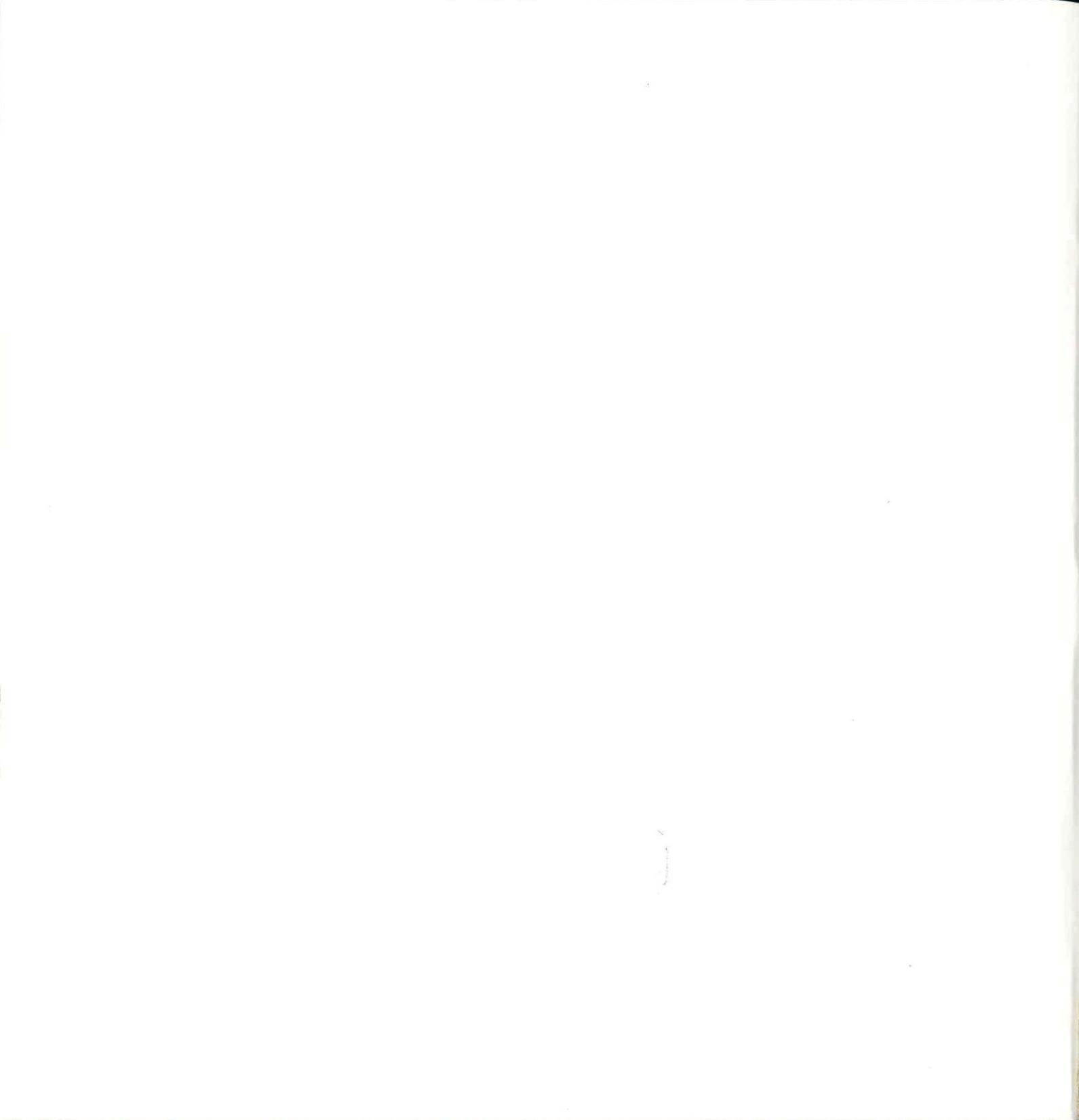


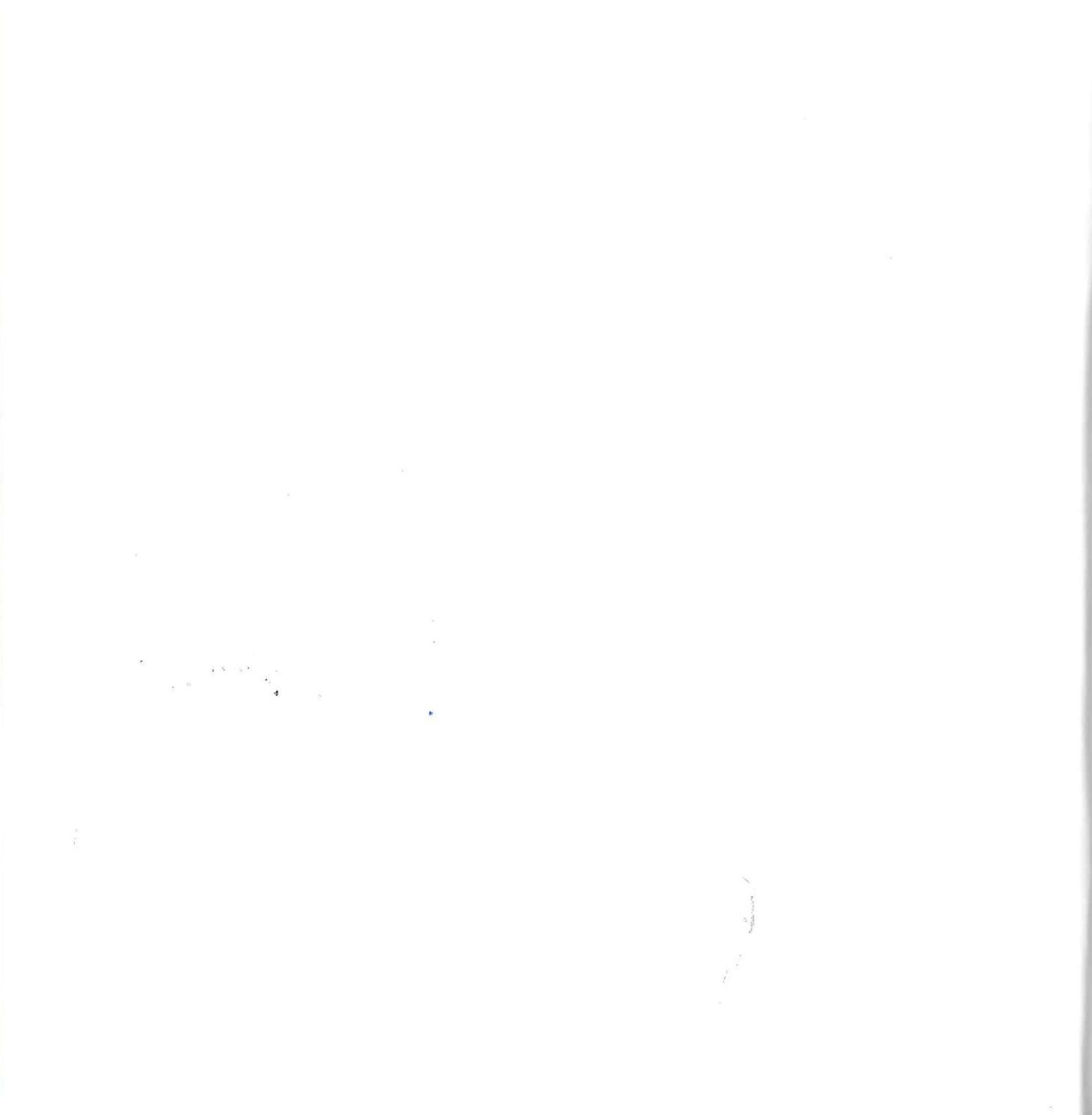
TE SÉCULOS DE HISTÓRIA

1298 - 1998

B(469.12)

AT





BARCELOS TERRA CONDAL
SETE SÉCULOS DE HISTÓRIA

1298 – 1998



Barcelosana Perm.

Edição
Câmara Municipal de Barcelos
1998

Título

BARCELOS TERRA CONDAL
SETE SÉCULOS DE HISTÓRIA

1298 – 1998

Autor

Sebastião Matos

Coordenação

Dr. Sebastião Matos, Prof. Doutor José Viriato Capela,
Prof. Doutor Carlos A. Brochado de Almeida, Dr. José Carlos Azevedo
(Comissão Executiva das Comemorações da Elevação de Barcelos a Condado)

Edição

Câmara Municipal de Barcelos

Fotografia e Design

Graça Silva

Tiragem

25.000 exemplares

Depósito Legal

122 997/98

Patrocínio

Caixa Geral de Depósitos



NOTA DE ABERTURA

Destinando-se esta brochura às escolas, foi nosso propósito torná-la acessível a todos. Temos consciência da dificuldade em atingir este objectivo e a certeza que o não conseguimos na íntegra. A diversidade de conhecimentos e formação dos destinatários – alunos de diversos níveis etários, professores, encarregados de educação – veio complicar o processo.

Foi necessário, dentro do espaço disponível, dosear a matéria, evitar palavras rebuscadas sem relegar os termos científicos, visionar o passado histórico sem esquecer a realidade presente, perspectivar o futuro mas com os pés bem assentes na terra.

A rentabilidade deste trabalho está, pois, dependente do contributo que vier a ser dado pelos intervenientes no processo educativo, mormente os professores.

Com o apoio, dinamismo e entusiasmo de poucos, contribuiremos para o crescimento cultural de muitos.

Foi nesta perspectiva de colaboração e na certeza do apoio solicitado, que lançamos, no decorrer do trabalho, algumas questões para serem respondidas pelos leitores mais novos. Temos a convicção que os jovens se deixarão estimular pelo debate, na busca de obterem respostas coadunáveis com a sua vontade de crescer e conhecer mais Barcelos.



Folha de Rosto da Carta-Foral que D. Manuel I, em 1515, concedeu a Barcelos
(Foral Novo)

APRESENTAÇÃO

A Câmara Municipal de Barcelos não podia deixar passar a efeméride da elevação de Barcelos a Condado, o que aconteceu há 700 anos, sem comemorações que estivessem à altura dos Barcelenses de ontem, para que os de hoje sintam a grandeza do passado e se revejam no dia a dia da história.

Com a divulgação do passado estamos a projectar para o futuro, aquilo que nos é mais querido e mais nos sensibiliza: o património construído e natural.

Com esta pequena brochura, destinada de um modo especial às escolas do concelho, a todos os níveis, a alunos e professores, queremos despertar nos Barcelenses, sobretudo nos mais novos, o gosto pela preservação e conservação do Centro Histórico da cidade, aquele em que a acção dos Condes foi mais notável e, ainda, é bem visível.

Pretendemos chamar a atenção dos Barcelenses para a existência de outros núcleos históricos de real valia, que importa cuidar e proteger, espalhados na área urbana e



Dr. Fernando Reis

um pouco por toda a parte, nas 89 freguesias, tantas quantas constituem a divisão administrativa do maior concelho do País.

Dar a conhecer, embora ao de leve, a nossa realidade actual é ainda outro dos nossos objectivos, contando para isso com a diligência de todos os professores que trabalham no nosso meio.

Ruínas de um passado distante, grandiosidade monumental que desafiou os séculos, salvaguarda do património edificado, reabilitação de espaços públicos, progresso, presente e futuro, são preocupações que pairam no nosso querer.

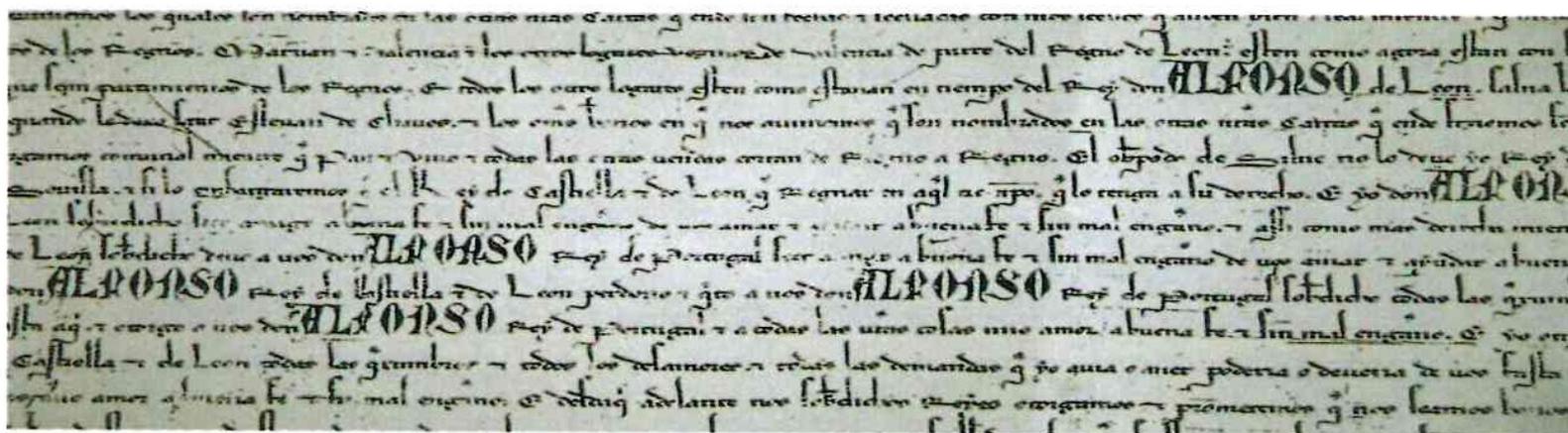
Inquietar e interessar a nossa juventude, os homens e mulheres de amanhã, por valores, princípios e sentimentos nobres, são pressupostos intrínsecos a esta publicação.



BARCELOS TERRA CONDAL

Em 12 de Setembro de 1297, foi celebrado entre Portugal e Castela, o tratado de Alcanises que fixou a fronteira terrestre entre os dois reinos¹ pondo fim a questões raianas que então existiam.

D. João Afonso Telo de Menezes, senhor de Albuquerque, foi o diplomata que teve o papel mais importante e decisivo nestas negociações que conduziram à assinatura do tratado pelos dois soberanos vizinhos. D. Dinis para recompensar os serviços prestados por João Afonso, em reconhecimento do êxito da missão de que fora incumbido, constituiu-o “*conde donatário vitalício da vila de Barcelos*”.



... do Tratado de
Alcanises

¹ A Portugal eram entregues as povoações de Olivença, Ouguela, Campo Maior e S. Félix, em troca das povoações de Aroche e Aracena, que seriam para sempre Castelhanas. O rei de Castela renunciava aos castelos, vilas e lugares de Sabugal, Castelo Rodrigo, Vila Maior, Castelo Bom, Almeida, Castelo Melhor, Monforte e outros lugares de Ribas Côa e cedia possíveis direitos sobre Valência, Ferreira, Esparregal, Aiamonte e outros territórios de Leão e da Galiza. Também firmava o casamento de D. Fernando IV de Castela com a Infanta D. Constança e o do futuro rei de Portugal D. Afonso IV com D. Beatriz de Castela.

Foi a primeira vez que em Portugal se atribuiu o título de conde com carácter vitalício e funções públicas, o que fez de Barcelos o primeiro condado português. Barcelos assume-se, assim, como uma das povoações pioneiras na nova fase da senhoralização do território português.

De vila régia, dotada que fora por D. Afonso Henriques com o seu primeiro foral, ficaram criadas as condições necessárias e objectivas para que, futuramente, a administração e as justiças que estavam adstritas às terras de Neiva, Faria, Aguiar, Penafiel de Bastuço e Vermoim, acabassem por se sediar, em definitivo, no interior de um espaço urbano.

D. João Afonso (1298/1304) era parente dos reis de Portugal e de Castela, do tronco da ilustre família dos Menezes, que Camões tanto engrandece em “Os Lusíadas”².

O 2º Conde foi D. Martim Gil de Sousa, (1304/1314) alferes-mor, genro do 1º Conde, já que este não tivera filho varão.

Se o 1º Conde não deixou filho varão para receber o título, o 2º não teve descendência, pelo que o condado foi dado a D. Pedro (1314/1354), filho bastardo de D. Dinis, notável trovador e linhagista emérito. Foi-lhe dado o condado “pelos muitos serviços que D. Pedro Afonso, meu filho, fez”. É o próprio rei quem o afirma.

Este Conde não teve uma vida fácil, pois o próprio D. Dinis que lhe concedera todos os bens e honras, retirou-lhe todos os cargos e benefícios, obrigando-o a homiziar-se em Castela, com falta de recursos.

Regressado do desterro a que fora forçado, a ele se deve, nos anos vinte do século catorze, a construção da ponte medieval, uma edificação robusta e sólida, que viu passar por ela os séculos, e hoje está classificada como Monumento Nacional.

² “Virá depois Meneses, cujo ferro / Mais na África, que cá, terá provado; / Castigará de Ormuz soberba o erro, / com lhe fazer tributo dar sobrado. (Canto X, 53)



Ponte Medieval

Segundo uns atribuiu-se-lhe o início da construção da Igreja Matriz, enquanto que outros afirmam ter dado continuidade às obras.

Como linhagista deixou o seu nome ligado à *Crónica Geral de Espanha de 1344* e ao *Livro de Linhagens* conhecido por *Nobiliário do Conde D. Pedro*.

O 3º Conde de Barcelos faleceu, em 1354, e foi sepultado na Igreja de S. João de Tarouca, onde ainda hoje pode ser observado o seu túmulo.

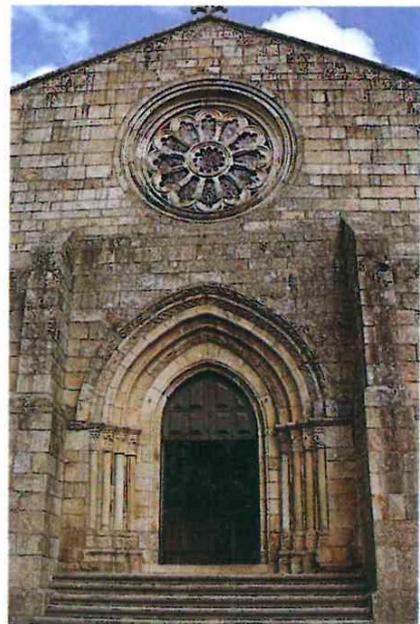
À sua morte o condado voltou à coroa. Admite-se que se dera a vacância do título por três anos, sendo D. João Afonso Telo, da estirpe do 1º Conde, investido como 4º, pelo Rei D. Pedro I, em 1357, “com cerimónias, honras e festas como nunca neste reino se fizeram”.

Os dois condes que se seguiram, são da mesma família:

D. Afonso Telo de Menezes (1372/1382) e D. João Afonso Telo de Menezes (1382/1385), irmão de D.^a Leonor Teles, mulher do Rei D. Fernando.

O 6º Conde, D. João Afonso, após a morte de D. Fernando, por ocasião da crise de 1383/1385, tomou o partido do rei castelhano e da irmã, o que lhe valeu perder o título e regalias, pelo que os bens do condado deixaram de pertencer à família dos *Telo de Menezes*.

D. João I, aclamado rei de Portugal, passa o título e benefícios do Condado de Barcelos para D. Nuno Álvares Pereira, Condestável do Reino, tornando-se este no 7º Conde (1385/1401). Ainda hoje, na antiga rua dos Açougues se encontra a fachada do que teria sido a Casa de D. Nuno Álvares Pereira, hoje, sem dúvida, um edifício que ao longo dos séculos sofreu sucessivas transformações.



Igreja Matriz

Em 1401, a filha de Nuno Álvares Pereira, D. Beatrix, casou com D. Afonso, filho bastardo de D. João I. Para além de outras dádivas-dote, o Condestável, como prenda de casamento deu-lhes o Condado de Barcelos, com toda a jurisdição cível e crime, padroados, direitos e pertenças, bem como o respectivo título na pessoa do seu genro, o que foi confirmado pelo rei. Deste modo, por renúncia de Nuno Álvares Pereira, D. Afonso torna-se no 8º Conde de Barcelos (1401-1461).



Casa de D. Nuno A. Pereira

Deve-se a D. Afonso, 8º Conde, o início das obras do Paço Condal e a construção das muralhas: impunha-se que Barcelos “tivesse uma cerca amuralhada, para controlar mais eficazmente a cobrança de portagens, para se poder defender em tempo de guerra ou aquando de disputas, por vezes sangrentas, entre bandos regionais como o exigia o seu prestígio de nobre vila”.

Combateu num dos últimos confrontos da guerra com Castela, tomou parte na deliberação da tomada de Ceuta, na organização da expedição, na própria conquista dessa praça africana, bem como no posterior cerco de 1419, pelo que recebeu também os paços da Vila de Aljazira, “a par da dita cidade” de Ceuta, o que lhe mereceu uma crescente importância no Reino e na Corte.

Tal era o poder do 8º Conde da Barcelos que o rei D. Duarte foi obrigado a confirmar o seu vasto património e a determinar que estes bens não podiam, em nenhum caso, ser integrados na coroa.

Certamente o que acabaste de ler trouxe-te algumas dúvidas. Por outro lado, já descobriste que “Os Condados”, em Portugal, nasceram aqui, em Barcelos.

Vou formular algumas questões, às quais, com a ajuda dos teus professores, tentarás dar resposta. Começarás por perguntar-lhes o que é um condado, um conde e outros títulos que a nobreza, na Idade Média, ostentava.

Depois já poderás responder:

Por quem foi criado o Condado de Barcelos?

O que fez o 1º Conde para merecer o título e as terras que o rei lhe deu?

Escreve no teu caderno as razões que levaram à criação do condado e os nomes dos personagens mais importantes que tomaram parte neste acontecimento.

Houve condes que se distinguiram como diplomatas, outros como homens de letras. Um houve que, não era filho de conde, se distinguiu pelos serviços militares prestados a Portugal. Quem foi ele e o que fez?

Conheces na cidade alguns edifícios que tenham sido mandados construir pelos Condes de Barcelos?

CONDES DE BARCELOS DUQUES DE BRAGANÇA

D. Afonso, 8º Conde de Barcelos, que obtivera o cargo de fronteiro-mor das terras de Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes, fora elevado à dignidade de *Duque de Bragança* por D. Pedro, regente do Reino, em 1442. Assim ao título de Conde Barcelos, D. Afonso acrescentou o de Duque de Bragança – 8º Conde de Barcelos e 1º Duque de Bragança – o que veio aumentar, ainda mais, o poder senhorial de que já era detentor.

“Durante o período que medeia entre 1401 e 1461, o comportamento político dos Bragança evidencia, claramente, a prossecução de uma estratégia de afirmação do poder social”, tornando-se na primeira e mais influente casa nobre do País – A Casa de Bragança – cujos domínios não tinham senhorio que se lhe igualasse no Reino.

O REI D. JOÃO II E OS CONDES DE BARCELOS

O 9º Conde de Barcelos e 2º Duque de Bragança, D. Fernando (1461-1478), que continuou as obras do Paço Condal, foi quem, na sequência de diligências iniciadas por seu pai, conseguiu que o Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra instituísse a Colegiada de Barcelos, em 1464. Este homem “concentrou nas suas mãos todos os bens do pai e do irmão”, acrescentou bens por doação régia e outros, aumentando, ainda mais, o seu poderio económico, a extensão geográfica do seu senhorio e a sua influência no Reino.

O 10º Conde de Barcelos, 3º Duque de Bragança (...) também de nome Fernando, empenhou-se nas obras do Paço Condal tornando-o de tal forma acastelado que “os paços construídos chegavam muito bem para ele e até davam para o rei aí, se aposentar com a rainha”.



Pintura de A. Pereira (Paço Ducal - Vila Viçosa)

A importância desta Casa Senhorial proveio de mercês régias, de alianças matrimoniais e do papel desempenhado pelos Condes ao longo dos anos. Apesar dos laços familiares com os reis, já D. Afonso, 8º Conde e 1º Duque, começou a opor-se à política de centralização da Casa Real, o que veio a traduzir-se, logo após a Batalha de Alfarrobeira, no aumento do poder dos Bragança, como representantes dos interesses da alta nobreza.

Porém, o período que medeia entre 1461 e 1483, seria o de maior oposição à Casa Real, pelo que está inevitavelmente marcado pelas conspirações dos Bragança contra D. João II. Este, acusou o 10º Conde de Barcelos e 3º Duque de Bragança (que juntara também o título de Conde e Duque de Guimarães) de traição, por ele se ter recusado à prestação da fórmula de menagem nas cortes de Évora (1481). Por esta razão, condenou-o à morte (1483) e confiscou-lhe todos os bens, domínios e rendas, os quais foram incorporados na Casa Real.

Com este procedimento D. João II derrubou o seu inimigo mais poderoso e parecia que estava liquidada a mais importante Casa Senhorial de Portugal.

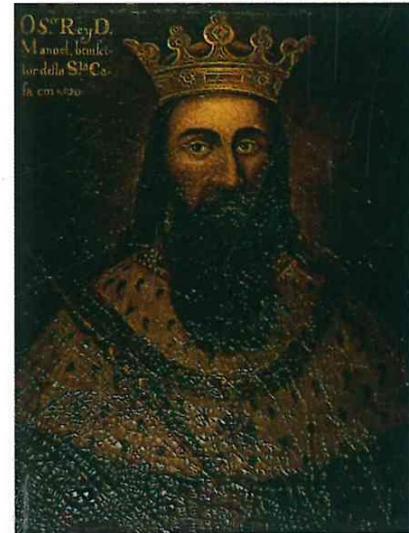
REABILITAÇÃO DO CONDADO E DA CASA DE BRAGANÇA

O rei D. Manuel, aquele que concedeu o foral novo a Barcelos (1515), reabilitou esta família na pessoa de D. Jaime (1496-1532) – Conde de Barcelos e 4º Duque de Bragança – e restitui-lhe quase todos os bens e títulos.

Um dos projectos de D. Jaime, que não conseguiu executar, foi o de transferir a Colegiada para outro local da Vila, a fim de ampliar o Paço Condal para norte.

Sucedeu-lhe D. Teodósio (1532-1563) – Conde de Barcelos e 5º Duque de Bragança – cujo papel é menos conhecido e talvez menos relevante.

Seu filho, D. João, foi quem recebeu os títulos do pai, (1563-1583). Casou com Dona Catarina, (pretendente ao trono de Portugal após a morte de D. Sebastião) sendo nessa ocasião agraciado com o título de Duque de Barcelos.



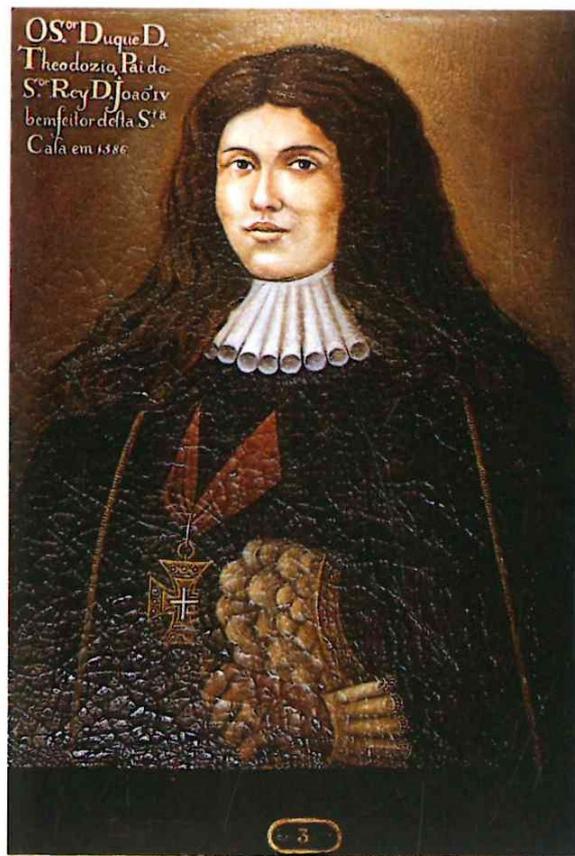
D. Manuel I
(Quadro da Santa Casa da Misericórdia)

A D. João sucedeu o filho D. Teodósio (1583-1630, 2º Duque de Barcelos e 7º de Bragança) que, com apenas 10 anos de idade, em substituição de seu pai, acompanhou o rei D. Sebastião à infeliz empresa de Alcácer-Quibir, tendo sido ferido e ficado prisioneiro até 1579.

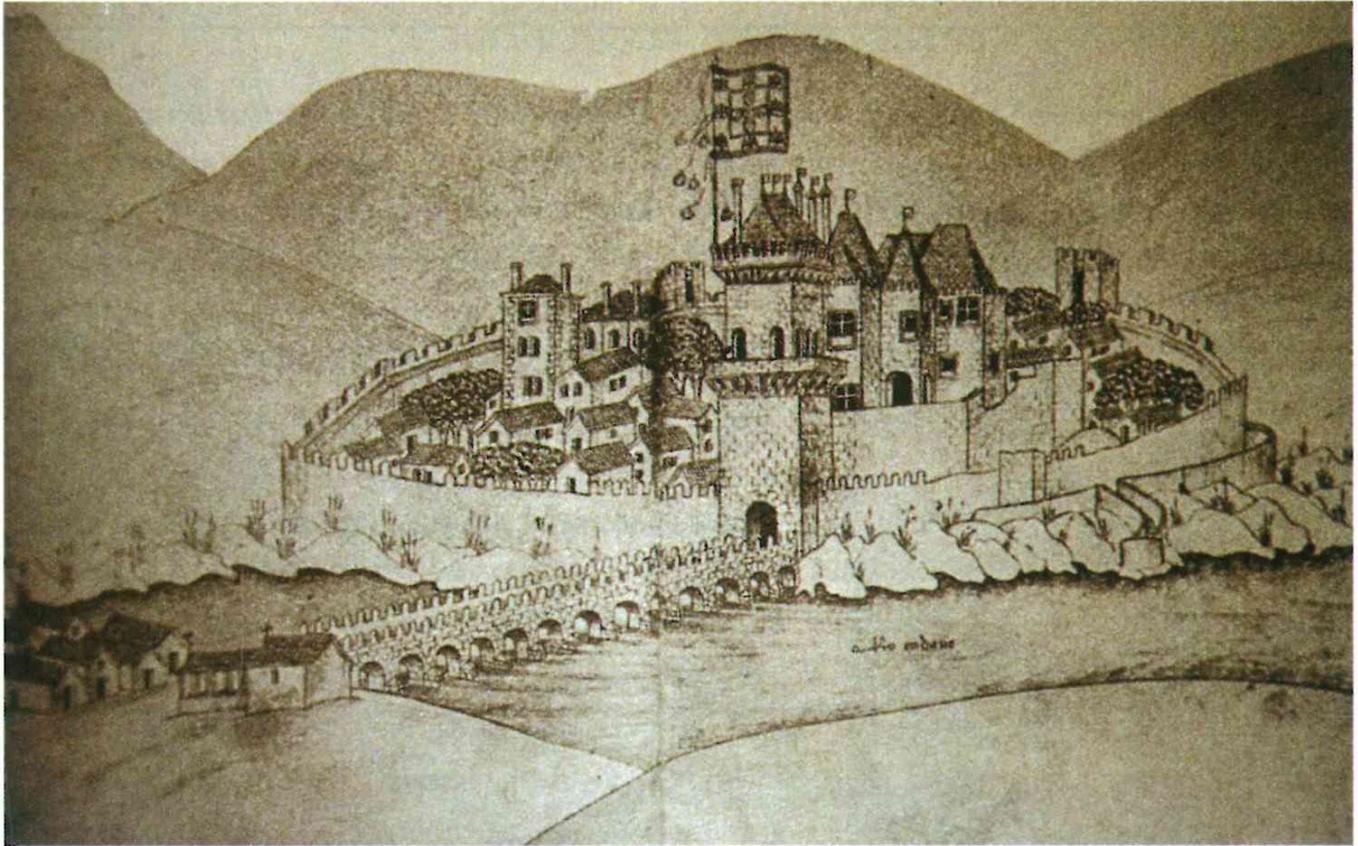
A RESTAURAÇÃO - 1640

Em 1630, morria D. Teodósio sendo o filho D. João o legítimo herdeiro de seus bens e títulos, (3º Duque de Barcelos, 8º Duque de Bragança...). Foi este que, no primeiro de Dezembro de 1640, havia de ser aclamado rei de Portugal, acabando com o domínio Filipino em Portugal. Com D. João, rei de Portugal, teve início a 4ª dinastia, que havia de se manter no trono até 5 de Outubro de 1910, data da implantação da República.

A mais importante Casa Senhorial Portuguesa entra, desta forma, na órbita da Casa Real, não deixando jamais Barcelos de estar associado ao poder régio.



D. Teodósio
(Quadro da Santa Casa da Misericórdia)



*Desenho de Duarte Darmas
(Barcelos nos inícios do séc. XVI)*

Em determinado momento os Condes de Barcelos também receberam o título de Duques de Bragança. Isto veio trazer-lhes mais poder e mais força militar. Tal facto nem sempre foi bem visto pela Cada Real e levou, por vezes, a que os condes tivessem um mau relacionamento com os reis. Até houve um que foi mandado matar por D. João II. Sabes quem foi e o que fez?

Porém, o Rei D. Manuel reconheceu o erro do seu antecessor e restituiu-lhe os títulos e os bens.

Mais tarde, desta família de Condes saiu uma dinastia de Reis. O que se passou para que isso acontecesse?

Com a ajuda do teu professor informa-te o que foi o domínio dos "Filipes" em Portugal e como D. João chegou a rei.

Já agora, o que aconteceu ao último rei da 4ª dinastia?

BARCELOS NO PASSADO

A pujança económica da urbe medieval e a importância política dos seus Condes, é atestada ainda hoje, pelo casco histórico da cidade de Barcelos.

“Habitat” concentrado e arruado já no início da nacionalidade, expandiu-se gradualmente em torno do *Largo do Apoio e da Praça da Vila*, cruzamento que foi de um dos principais eixos viários de então.

Com a transferência do poder civil e judicial para o interior do espaço urbano, a Vila de Barcelos foi-se tornando a cabeça de uma extensa comarca, cuja área de influência ainda no século XVIII se estendia do Lima ao Ave, do termo de Braga à linha do Atlântico. Importante centro jurídico-administrativo, pólo de relevo comercial, extenso território agrícola, possuía, à imagem de outras localidades, uma judiaria, uma gafaria, um hospital já documentado no século XIV, uma Misericórdia, casas de assistência e apoio a viajantes e a peregrinos, e uma mais que centenar feira, uma das mais pujantes manifestações sócio-económicas da região.



Largo do Apoio

PATRIMÓNIO

O património construído do centro histórico da cidade é o mais significativo **ex-libris** de Barcelos.

De entre ele destaca-se a ponte medieval, com seis arcos desiguais em ogiva, obra gótica da primeira metade do século XIV, defendida a montante com os talhamares e a jusante com “os contrafortes que o românico entre nós perpetuou”, tendo junto da sua entrada a capela de Santa Maria da Ponte.



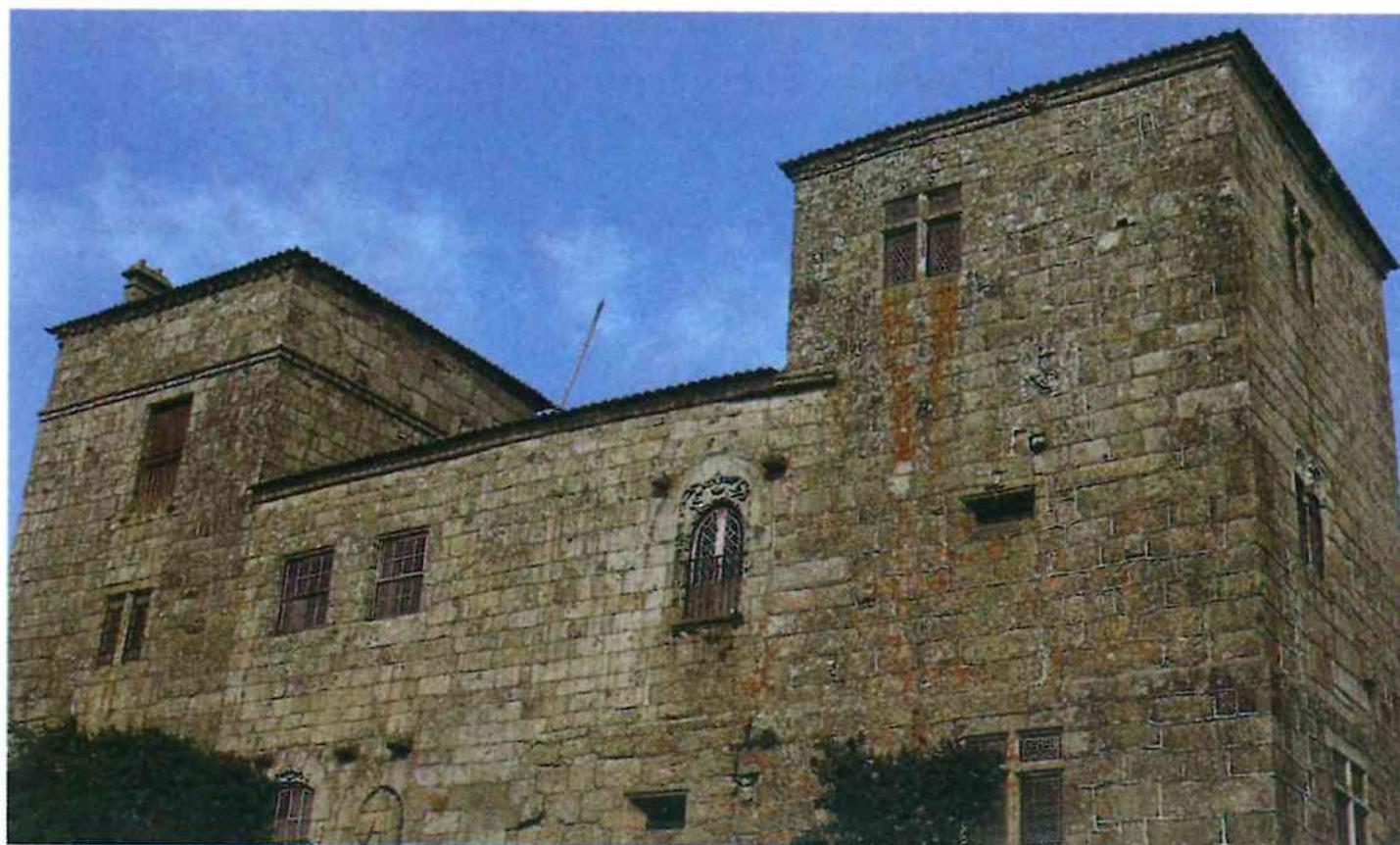
Sobranceiras e altivas, sobre a ponte e o rio, encontram-se as velhas ruínas do Paço Condal, cedidas à Câmara Municipal de Barcelos pela Casa Real, em 1874. Foi condição “conservar, nos terrenos que pretende ajardinar, a parte das ruínas”. Acordaram o Município e o administrador-geral da casa, pelo que estas foram conservadas e o espaço envolvente, depois de sucessivos avanços e recuos, a partir de 1920 se destinou a Museu Arqueológico. As peças aqui expostas, representativas de diversas épocas, desde a Pré-História à Época Moderna, provêm do aro geográfico do concelho³. Entre elas, pelo seu simbolismo e suporte de uma lenda da religiosidade popular, destacamos o “cruzeiro do galo”.

Irmanada com o Paço Condal, na sua génese e no conjunto, encontra-se a Igreja de Santa Maria de Barcelos, outrora Colegiada. Sofreu ao longo dos séculos transformações, na frontaria e partes laterais, no interior e exterior, sendo, porém, no seu complexo “um grande arquivo de história local”. Bem merece uma visita.



³ As peças líticas que aí se encontram, para além das provenientes da Igreja Matriz, foram recolhidas em algumas freguesias do concelho, tais como: Arcozelo, Faria, Barcelinhos, Abade de Neiva, Alvelos, Galegos (Santa Maria), Manhente, Martim, Paradela, Pedra Furada, Roriz, Rio Covo (S.ª Eugénia), Rio Covo (S.ª Eulália), Vila Frescainha (S. Martinho), Palme, Vila Cova, Várzea, Chavão, etc.

Para poente deste núcleo bem proporcionado e de rara beleza, encaramos com o Pelourinho de faces oitavadas e remate em “gaiola” e com o Solar dos Pinheiros, “edifício de grande relevo arquitectónico e muita carga simbólica”, que, ao longo dos tempos, sofreu grandes reformas, sobretudo acontecidas entre os séculos XV e XVII. Por baixo da cornija do telhado, virada a sul, encontra-se gravada na pedra uma cara com barbas e umas mãos puxando por elas. Esta figura dá o nome ao solar “do Barbadão” e dela nasce a “lenda” com o mesmo nome.



Solar dos Pinheiros

Voltando novamente ao Largo da Igreja Matriz, a norte desta, encontramos os Paços do Concelho, também conhecidos por Câmara Municipal. A ala ocidental foi Hospital do Espírito Santo e depois Santa Casa da Misericórdia. No seu global é um edifício que resulta de “uma série de anexações, reformas, acrescentos, a partir do núcleo dos velhos paços do concelho, a que a grande remodelação e ampliação, iniciadas em 1849, procuraram dar uma certa unidade”.



Sala Gótica - Câmara Municipal de Barcelos

Passando pela antiga Rua de Santa Maria chegamos ao Largo do Apoio, aquele que teria sido a primeira praça de Barcelos.

Aqui, digno de registo, encontramos a Casa do Condestável, o chafariz do século XVII, a Casa dos Carmonas e a Casa do Alferes Barcelense, o decepado. “Este Alferes Barcelense, Gaspar Góis do Rego, em Alcácer Quibir, defendeu com tanto valor a sua bandeira que, cortando-lhe o inimigo as mãos, a defendeu com os dentes cravados nela e, só perdida a vida a largou! Que valor! Que Português! Que Barcelense!”. “Mas se assim foi, a bandeira defendida não era a da Pátria, mas antes a do seu senhor, o Duque de Bragança”.

Feito este périplo pelo casco mais antigo de Barcelos, sabemos que os séculos passaram e Barcelos cresceu, alindou-se, transformou-se na “Princesa do Cávado” que lhe corre aos pés, de faces morenas, a cor que o património construído patenteia, a par de um imaginário que se

reflecte na iconografia da talha dourada exposta nas igrejas existentes do seu aro geográfico, no “cruzeiro do galo” e no milagre do aparecimento da cruz no chão barrento do Campo da Feira.

O grande relevo político e jurídico-administrativo fez de Barcelos solar de notáveis homens públicos e de fidalgos, o que levou, para além dos edifícios já citados, à construção de importantes casas brasonadas, não apenas na Época Medieval, mas nos séculos seguintes.

Ainda dentro de muralhas, no Largo Dr. José Novais, merece referência a Casa dos Machados da Maia, brasonada e ameçada. É um belo exemplar quinhentista existente em Barcelos, adquirido em 1990 pela Câmara Municipal, para, depois de restaurado e adaptado, aí funcionar a Biblioteca Municipal.

No mesmo Largo, embora de época mais tardia, pode observar-se a Casa do Barão da Retorta, também ela brasonada.

Sobre o lado nascente, ergue-se altaneira a Torre da Porta Nova, onde actualmente funciona o Posto de Turismo e o Centro de Artesanato. Teve, ao longo dos séculos, diversas funções, sendo certo que nos finais do século XVI já servia de cadeia. Muitos, hoje, ainda a denominam por “cadeia velha”.

À volta do casco antigo, mais ou menos perto, merecem-nos um olhar atento o Solar do Benfeito, de grande volume e aparato, com a capela de Santa Ana integrada na fachada.



Biblioteca Municipal de Barcelos

No Campo 5 de Outubro, destaca-se a Casa dos Beça Meneses com “uma rica decoração de conchas e de penachos de ramos”, podendo ser considerada como a mais decorada das casas de Barcelos.

Perto do Templo do Senhor da Cruz distingue-se a casa que foi do Dr. Domingos Figueiredo, uma construção arquitectonicamente bem cuidado, com janelas e portadas rematadas com frontões partidos e invertidos. Nas costas da Torre da Porta Nova merece um olhar atento, o edifício onde está sediado o Banco Totta & Açores, “com portas e janelas fortemente movimentadas, segundo a poderosa gramática *rocaille*”.

Na arquitectura religiosa, para além da já citada Igreja Matriz, merece-nos especial destaque a Capela de S. Francisco (na rua do mesmo nome), cuja instituição remonta ao início do século XVI.

Interiormente não há muito a salientar, mas merece um olhar atento o seu portal gótico.

O Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz, conhecido de todos, tem a sua origem relacionada com o aparecimento de uma cruz negra, em Dezembro de 1504, no chão onde começava o Campo da Feira. Neste local, primeiro colocou-se um cruzeiro, depois construiu-se uma pequena capela, onde foi posta uma imagem. Dois séculos mais tarde a pequena capela foi derrubada, para em 1705, se iniciar a nova construção, o actual templo. Ligado ao Senhor da Cruz, como obra que nasce à sua sombra, não podemos deixar de referir o Passeio dos Assentos.

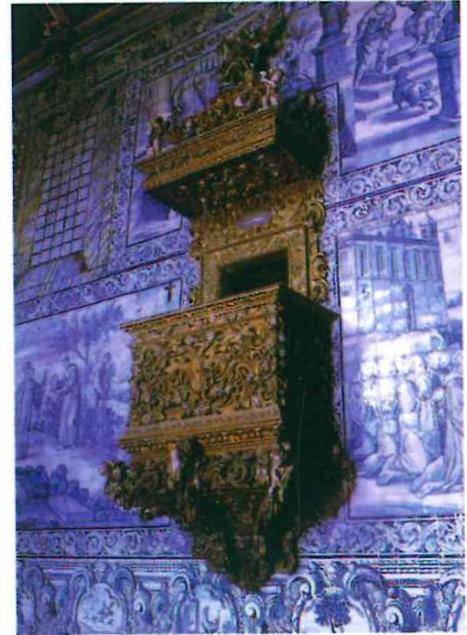


Torre da Porta Nova



Casa dos Beça Meneses

Por sua vez a Igreja do Terço (parte integrante do antigo convento de freiras beneditinas) é muito bela no seu interior, ao contrário do que o exterior manifesta. Aí deparamos com um dos mais belos púlpitos de Portugal, fabulosos painéis de azulejos, preciosa e bem conservada pintura nos tectos. É um barroco de Barcelos e de Portugal que bem merece uma visita.



Púlpito da Igreja do Terço

Ficaste a conhecer melhor a cidade de Barcelos e alguns dos seus monumentos. Obras notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, arquitectónico e artístico.

Com os teus professores, com os teus pais, com os teus amigos, visita o Centro Histórico de Barcelos, o expoente máximo do nosso património cultural. Observa os edifícios, entra naqueles que estão abertos ao público. Faz uma descrição do que observaste, tendo presente aquilo que mais te agradou, te impressionou e até aquilo que achas que está menos bem.

Escolhe um monumento para o teu estudo mais pormenorizado.

Não esqueças de reparar, com atenção, nos azulejos da Igreja Matriz, que foram objecto de limpeza e conservação no final do passado ano, bem como nos da Igreja do Terço.



Templo do Senhor da Cruz

PATRIMÓNIO CLASSIFICADO

Pela importância de que se revestem, pelo valor histórico e arquitectónico que apresentam, porque fazem parte do património que é de todos e são memória que é preciso preservar, alguns vestígios arqueológicos ou construções são consideradas “Monumentos Nacionais” ou “Imóveis de Interesse Público”. A classificação de imóveis tem por objectivo garantir a sua conservação, conferindo-lhe protecção legal.

Estão classificados como Monumentos Nacionais, o **Paço dos Condes de Barcelos**, **Ponte Medieval** e **Solar dos Pinheiros**, por decretos de 16 de Junho de 1910; a **Torre da Porta Nova** e a **Igreja Matriz** classificados, respectivamente, em 19 de Fevereiro de 1926 e 15 de Outubro de 1927.

Fora da cidade são considerados Monumentos Nacionais a **Igreja de Vilar de Frades** e o **Chafariz Monumental do antigo Convento de Vilar de Frades**, ambos em Areias de Vilar, classificados, respectivamente, em 16 de Junho de 1910 e 26 de Setembro de 1940; a **Igreja Românica e Torre de Manhente**, classificada em 24 de Dezembro de 1915; a **Igreja Românica de Abade de Neiva**, em 15 de Outubro de 1927; **Ruínas do Castelo de Faria e estação arqueológico subjacente**, classificado em 13 de Julho de 1956 e o **Monumento com Forno de Galegos Santa Maria**, classificado em 3 de Janeiro de 1986.



Pelourinho

Como Imóveis de Interesse Público estão classificados o **Pelourinho**, o **Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz** e a **Igreja do Terço**, classificados, respectivamente, em 11 de Outubro de 1923, 6 de Dezembro de 1958 e 24 de Janeiro de 1967.

Fora da cidade o **Forno do Monte da Saia** e o **Penedo “Laje dos Sinais”** (petroglifos), classificados em 5 de Janeiro de

1951, os dois na freguesia das Carvalhas; a **Ermida de Nossa Senhora da Franqueira**, na freguesia de Pereira, classificada em 24 de Janeiro de 1967; a **Casa de Santo António de Vessadas** (capela e jardins que a circundam), em Barcelinhos, classificada em 29 de Setembro de 1977 e a **Torre de Aborim**, na freguesia do mesmo nome, em 12 de Setembro de 1978.

O património é um bem colectivo e, conseqüentemente, todos temos responsabilidade em preservá-lo e impedir que outros o danifiquem. Há urgência, hoje que tanto se agride o património (arqueológico, construído ou natural), em criar uma consciência cívica, social e crítica, com a participação de todos e não apenas sob a responsabilidade de alguns, que promova atitudes, comportamentos e compromissos geradores de obrigações culturais.



Igreja e Torre de Manhente



Chafariz de Vilar de Frades

Em 6 de Julho de 1985, foi publicada, em Diário da República, a Lei 13, do Património Cultural Português, que visa proteger e salvaguardar o Património, classificando-o.

Mais importante que a Lei é o Património, memória cultural e colectiva, sobre o qual assentam valores. O respeito por tudo quanto tem reminiscências do passado histórico (local, regional, nacional ou mesmo internacional), deve ser motor de sensibilidades e responsabilidades.

Olha à tua volta, na freguesia onde vives e procura descobrir o que te pareça ser importante e digno de registo. Com a ajuda dos teus professores faz um texto sobre esse bocadinho da tua terra.

BARCELOS NO IMAGINÁRIO OS FEITOS E AS LENDAS

Nesta brochura que se pretende voltada de um modo especial para os jovens das nossas escolas, não podíamos deixar de focar, para além dos Condes, outros personagens, reais ou lendários, que marcaram a História de Barcelos e continuam a marcar o imaginário das nossas gentes. Não desejando ser exaustivos, como convém, dadas as características da publicação, vamos referir, como é óbvio, o Feito dos Alcaides e a Lenda do Galo.

DEFENDE-TE ALCAIDE

O Alcaide era o homem que por delegação do rei exercia as funções de governador de um castelo ou vila fortificada. A investidura do Alcaide implicava o juramento de fazer *guerra e paz* pelo rei. As suas responsabilidades variavam com a importância do castelo que tinha à sua guarda e da povoação que tinha de proteger. O episódio que deu lugar ao **Feito dos Alcaides**, por ocasião das guerras Fernandinas, em 1373, passa-se no Castelo de Faria, que ao tempo coroava o actual Monte da Franqueira. Era alcaide Nuno Gonçalves que saindo ao encontro dos exércitos de Castela, deixou a guarda do castelo a seu filho Gonçalo Nunes. Fernão Lopes na Crónica d'El-Rei D. Fernando refere o episódio, mas aqui preferimos

transcrever Alexandre Herculano, em “Lendas e Narrativas”.

Reinava entre nós D. Fernando. Este príncipe, que por tanto degenerava dos seus antepassados em valor e prudência, fora obrigado a fazer a paz com os Castelhanos, depois de uma guerra infeliz, intentada sem justificados motivos e em que se esgotaram inteiramente os tesouros do Estado. A condição principal com que se pôs termo a esta luta desastrosa foi que D. Fernando casasse com a filha de el-rei de Castela: mas brevemente a guerra se acendeu de novo, porque D. Fernando, namorado de D. Leonor Teles, sem lhe importar o contrato de que lhe dependia o repouso dos seus vassallos, a recebeu por mulher, com afronta da princesa castelhana. Resolveu-se o pai a tomar vingança da injúria, ao que o aconselhavam ainda outros motivos.



Ruínas do Castelo de Faria

Entrou em Portugal com um exército e, recusando D. Fernando aceitar-lhe batalha, veio sobre Lisboa e cercou-a. Não sendo nosso propósito narrar os sucessos deste sítio, volveremos o fio do discurso para o que sucedeu no Minho.

O adiantado da Galiza, Pedro Rodríguez Sarmiento, entrou pela província de Entre Douro e Minho com um grosso corpo de gente de pé e de cavalo, enquanto a maior parte do pequeno exército português

trabalhava inutilmente ou por defender ou por descercar Lisboa. Prendendo, matando e saqueando, veio o adiantado até às imediações de Barcelos, sem achar quem lhe atalhasse o passo; aqui, porém, saiu-lhe ao encontro D. Henrique Manuel, conde de Seia e tio de el-rei D. Fernando, com a gente que pôde ajuntar. Foi terrível o conflito; mas, por fim, foram desbaratados os Portugueses, caindo alguns nas mãos dos adversários.

Entre os prisioneiros contava-se o alcaide-mor do Castelo de Faria, Nuno Gonçalves. Saira este com alguns soldados para socorrer o conde de Seia, vindo, assim, a ser companheiro na comum desgraça. Cativo, o valoroso alcaide pensava em como salvaria o castelo de el-rei seu senhor das mãos dos inimigos. Governava-o em sua ausência um seu filho, e era de crer que, vendo o pai em ferros, de bom grado desse a fortaleza para o libertar, muito mais quando os meios de defesa escasseavam. Estas considerações sugeriram um ardil a Nuno Gonçalves. Pediu ao adiantado que o mandasse conduzir ao pé dos muros do castelo, porque ele, com suas exortações, faria com que o entregasse, sem derramamento de sangue.

Um troço de besteiros e de homens de armas subia a encosta do monte da Franqueira, levando no meio de si o bom alcaide Nuno Gonçalves. O adiantado da Galiza seguia atrás com o grosso da hoste, e a costaneira ou ala direita, capitaneada por João Rodríguez de Viedma, estendia-se, rodeando os muros pelo outro lado. O exército vitorioso ia tomar posse do Castelo de Faria, que lhe prometera dar nas mãos o seu cativo alcaide.

De roda da barbacã alvejavam as casinhas da pequena povoação de Faria: mas silenciosas e ermas. Os seus habitantes, apenas enxergavam ao longe as bandeiras castelhanas, que esvoaçavam soltas ao vento, e viram o refulgir cintilante das armas inimigas, abandonando os seus lares, foram acolher-se no terreiro que se estendia entre os muros negros do castelo e a cerca exterior ou barbacã.

Nas torres, os atalaias vigiavam atentamente a campanha e os almocadéns corriam com a rolda pelas quadrelas do muro e subiam aos cubelos colocados nos ângulos das muralhas.

O terreiro onde se haviam acolhido os habitantes da povoação estava coberto de choupanas colmadas, nas quais se abrigava a turba dos velhos, das mulheres e das crianças, que ali se julgavam seguros da violência dos inimigos desapiedados.

Quando o troço dos homens de armas que levavam preso Nuno Gonçalves vinha já a pouca distância da barbacã, os besteiros que coroavam as bestas e os homens dos engenhos preparavam-se para arrojar sobre os contrários os seus quadrelos e virotões, enquanto o clamor e o choro se alevantavam no terreiro, onde o povo inerme estava apinhado.

Um arauto saiu do meio da gente da vanguarda inimiga e caminhou para a barbacã; todas as bestas se inclinaram para o chão e o ranger das máquinas converteu-se em silêncio profundo.

— Moço alcaide, moço alcaide! — bradou o arauto — teu pai, cativo do mui nobre Pedro Rodríguez Sarmiento, adiantado de Galizã pelo muito excelente e temido D. Henrique de Castela, deseja falar contigo, de fora do teu castelo.

Gonçalo Nunes, o filho do velho alcaide, atravessou então o terreiro e, chegando à barbacã, disse ao arauto:

— A Virgem proteja meu pai: dizei-lhe que eu o espero.

O arauto voltou ao grosso de soldados que rodeavam Nuno Gonçalves e, depois de breve demora, o tropel aproximou-se da barbacã. Chegados ao pé dela, o velho guerreiro saiu de entre os seus guardadores e falou com o filho:

— Sabes tu, Gonçalo Nunes, de quem é este castelo, que, segundo o regimento de guerra, entreguei à tua guarda quando vim em socorro e ajuda do esforçado Conde de Seia?

— É — respondeu Gonçalo Nunes — de nosso rei e senhor D. Fernando de Portugal, a quem por ele fizeste preito e menagem.

— Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um alcaide é de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castelo a inimigos, embora fique enterrado debaixo das ruínas dele?

— *Sei, oh meu pai!* — *prosseguiu Gonçalo Nunes em voz baixa, para não ser ouvido dos castelhanos, que começavam a murmurar. — Mas não vês que a tua morte é certa se os inimigos percebem que me aconselhaste a resistência?*

Nuno Gonçalves, como se não tivera ouvido as reflexões do filho, clamou então:

— *Pois, se o sabes, cumpre o teu dever, alcaide do Castelo de Faria! Maldito por mim, sepultado sejas tu no Inferno, como Judas, o traidor, na hora em que os que me cercam entrarem nesse castelo sem tropeçarem no teu cadáver.*

— *Morra!* — *gritou o almocadém castelhano. — Morra que nos atraíçouu. — E Nuno Gonçalves caiu no chão atravessado de muitas espadas e lanças.*

— *Defende-te, alcaide!* — *foram as últimas palavras que ele murmurou.*

Gonçalo Nunes corria como louco ao redor da barbacã, clamando vingança. Uma nuvem de frechas partindo alto dos muros; grande porção dos assassinos de Nuno Gonçalves misturaram o próprio sangue com o sangue do homem leal ao juramento.

Os castelhanos acometeram o castelo; no primeiro dia de combate, o terreiro da barbacã ficou alastrado de cadáveres tismados e de colmos de ramos reduzidos a cinzas. Um soldado de Pedro Rodríguez Sarmiento tinha sacudido com a ponta da sua longa chuça um colmeiro incendiado para dentro da cerca; o vento suão soprava



Estátua dos Alcaides

nesse dia com violência e em breve os habitantes da povoação, que haviam buscado o amparo no castelo, pereceram juntamente com as suas frágeis moradas.

Mas Gonçalo Nunes lembrava-se da maldição de seu pai; lembrava-se de que vira moribundo no meio dos seus matadores, e ouvia a todos os momentos o último grito do bom Nuno Gonçalves: “Defende-te, alcaide!”

A LENDA

Barcelos foi sempre um lugar privilegiado de passagem. Se primeiro se passava de uma margem do Cávado para a outra de barco ou a vau, em tempo de pouca água, com a edificação da Ponte Medieval abriram-se caminhos não só aos mercadores mas também aos peregrinos, nomeadamente aos que se dirigiam a S. Tiago de Compostela. Eram diferentes os caminhos que traziam peregrinos até Barcelos, assim como eram vários os que estes tomavam depois de por cá passarem.

É com base na historiografia dos Caminhos de S. Tiago, que nasce a Lenda do Galo, celebrada no “cruzeiro do galo” exposto no Museu Arqueológico e que testemunha a protecção que o Santo concedia aos seus devotos peregrinos.

Havendo, porém, mais que uma versão da mesma lenda optamos pela versão oitocentista apresentada por Domingos J. Pereira.

Por aqueles sítios, à beira da estrada velha, talvez no mesmo sítio do Senhor do Galo, havia uma estalagem muito concorrida pelos viandantes que se desfaziam em elogios sobre a formosura, sem igual, da sua dona, moça gentil, cuja fama de beleza se estendia por muitas léguas, mas em desabono de quem nada havia que dizer. Fez o diabo (e quem senão ele!) que em certo dia acertou de entrar na estalagem um peregrino, por sinal galego, que, acompanhado de um galbardo mancebo, seu filho, ia cheio de fé cumprir um voto a S. Tiago.

Ver a estalajadeira ao mancebo e ficar enfeitiçada com ele, foi um momento, posto que o filho do galego não fosse acometido da mesma paixão que levou aquela até aos pontos que o leitor vai ver. Quando se convenceu que os viandantes não contavam demorar-se mais que tempo necessário para tomar algum repouso, empregou todos os recursos que lhe sugeriu a sua imaginação de mulher para persuadir o peregrino da conveniência de demorar-se alguns dias. Quando conheceu que era impossível vencer a teimosia do galego em continuar seu caminho, empregou todos os esforços para conseguir do filho que ali ficasse até ao regresso do pai, e quando a obstinação desta foi seguida pela indiferença do moço, a estalajadeira formou um plano, genuinamente diabólico, que pôs em acção, logo de seguida.

Pagaram os peregrinos as despesas, despediram-se da vendedeira, que longe de manifestar pesar, apresentou rosto risonho e sorriso de mau agouro e sem se demorar mais, continuaram aqueles santos varões sua piedosa jornada. Não haviam progredido muito nesta, quando, num cotovelo dum caminho, apareceu um bando de aguaçais que dirigindo-se ao mancebo lhe disseram:

— Em nome d'El-rei, estás preso. Atónitos, pai e filho, com dificuldade conseguiram perguntar, balbuciantes, o que significava aquilo e, por isso, calcula-se como ficariam ao ouvir qualificar o moço de ladrão e o que mais é, quando dentro da sacola lhe tiraram uns talheres de prata, corpo do delito que a estalajadeira denunciara à justiça.

O peregrino prosseguiu imperturbável a sua visita a S. Tiago, depois de abraçar o filho que, conduzido à



Cruzeiro do Galo

cadeia, não tardou em ser condenado à pena de forca, segundo a legislação então em vigor.

Nesse dia e na mesma hora em que devia ser executada a sentença valeu-se o galego pai da sua peregrinação e, cheio de pesar com a notícia do que se passava, foi procurar o juiz, em ocasião que estava comendo, a fim de o convencer da inocência do filho. Desejando o magistrado que ele o não importunasse, pedindo-lhe pelo filho, declarou-lhe que para o acreditar inocente seria preciso que cantasse o galo assado que tinha na mesa e ia trincar. Dizer isto, pôr-se de pé o galo, sacudir a salsa e começar a cantar foi um abrir e fechar de olhos.

Levantou-se o juiz aterrado, olhou o relógio, era precisamente a hora da execução. Correu, seguido pelo pai ao sítio do suplício e a grande distância um e outro viram que chegavam tarde!... O réu via-se dependurado da viga fatal ... Pouco porém importava tudo isto. S. Tiago pegava no filho à vista do pai, amparando com a cabeça e mãos os pés do enforcado”.

É esta tradição transmitida ao longo dos anos.

Em todas as terras, há lendas, costumes, festas, romarias, danças e cantares regionais.

Junto das pessoas de mais idade, recolhe as tradições da tua freguesia, escreve-as, para que jamais sejam esquecidas. Leva-as para a tua escola e na tua turma, com a ajuda dos teus professores, discute-as com os teus colegas e prepara um texto que pode vir a ser publicado, na revista da tua escola ou em qualquer outro órgão de comunicação.

BARCELOS NO PRESENTE

Numa brochura cujo destinatário principal é a escola, tem lugar dar a conhecer aos estudantes algumas traves mestras do enquadramento geográfico de Barcelos, fazendo mesmo comparação com os concelhos vizinhos.

A cidade de Barcelos localiza-se no coração do Minho, sensivelmente a 40 Km, em linha recta, para Nordeste da cidade do Porto, sendo a sede do maior concelho do país, no plano administrativo, com 89 freguesias e com uma área de 379 Km².

O concelho tem por elemento dominante o Rio Cávado que, no seu percurso Leste/Oeste, o atravessa de lés a lés, dividindo-o em duas partes quase iguais.

O vale do Cávado que se vai alargando à medida que o rio se aproxima da foz, em Esposende, é limitado a norte por um conjunto de colinas, cuja altura raramente ultrapassa os 300 metros, e que separam a bacia do Cávado da bacia do Rio Neiva, que lhe corre a norte, no limite do concelho. O Rio Este, afluente do Ave, por sua vez bordejia o concelho a Sudeste.

No contexto do **Norte Litoral**, Barcelos está inserido na Região Norte e dentro da Região Norte integra-se na sub-região do Cávado: **Baixo Cávado** (Barcelos e Esposende); **Alto Cávado** (Braga, Vila Verde, Terras do Bouro e Amares).

Para além destes concelhos da sub-região Cávado não podemos deixar de considerar os concelhos de Vila Nova de Famalicão e Póvoa de Varzim, que estão inseridos noutra contexto geográfico, mas cujo fluxo de mercadorias e pessoas, se faz sentir entre nós.

Barcelos está associado à Região de Turismo do Alto Minho, o que, para além dos concelhos limítrofes que da mesma fazem parte (Esposende, Viana do Castelo e Ponte de Lima), contribui para uma aproximação entre o nosso concelho e os do Alto Minho.

Assim, Barcelos faz fronteira com Esposende (a poente), Póvoa de Varzim e Vila Nova de Famalicão (a sul), Braga e Vila Verde (a nascente) e Ponte de Lima e Viana do Castelo (a norte). Localiza-se numa zona litoral não costeira, praticamente a meio caminho entre o Porto e a Galiza, o que o torna um concelho central, com obrigatoriedade de passagem de mercadorias e de pessoas e que, com a conclusão das vias rodoviárias (ICs e IPs), para além da via férrea, ficará com fáceis acessibilidades, em todos os sentidos.

Uma vez que nos colocamos num contexto de vizinhos, torna-se interessante sentir a evolução demográfica de Barcelos, no seu entrelaçamento com os concelhos limítrofes.

Na Região Norte, como de resto em todo o continente português, é particularmente evidente a assimetria litoral/interior, com fortes transferências da população que é, gradualmente, atraída para o litoral, pelas melhores condições de vida e oportunidades de emprego.

A partir da década de 60, a Região Norte perdeu alguma população, devido em grande parte à fortíssima emigração registada no norte interior. Porém, apesar de neste período se registar uma diminuição a nível geral (toda a região norte) no litoral registou-se um aumento de 5,6% e na sub-região do Cávado de 4,4%. Mesmo assim, Barcelos aumenta, nesta fase, 5,9% passando de 83.211 habitantes em 1960, para 88.130, em 1970.

Na década de 70, Barcelos ganhou quase 18% de população, passando dos 88.130 habitantes, para 103.773, em 1981, o que corresponde a um acréscimo de 15.643 habitantes e colocou Barcelos entre os que, em termos demográficos, foram mais activos em toda a região.

Actualmente no território agregado da sub-região do Cávado e dos restantes concelhos limítrofes de Barcelos, não pertencentes à citada sub-região (Famalicão, Póvoa de Varzim, Ponte de Lima e Viana do Castelo), Barcelos detém 20% da população e é 3º em dimensão, logo depois de Braga e de Famalicão. Trata-se, por isso, de um concelho com uma insofismável dimensão populacional. Assim o prova o facto da sua população ter passado de pouco mais de 83 mil habitantes, em 1960, para quase 112 mil habitantes, em 1991, o que corresponde a uma taxa de crescimento global de quase 35%, ou seja, quase 10% em média por década.

POPULAÇÃO RESIDENTE NO PERÍODO 1960 - 91					
Concelhos	Ano e variação percentual				
	1960	1981	Δ 60-81 (%)	1991	Δ 81-91 (%)
Barcelos	83.211	103.773	11.67	111.733	7.67
Braga	92.938	125.472	16.19	141.256	12.58
Esposende	23.966	28.652	9.34	30.101	5.06
Ponte de Lima	42.979	43.797	0.95	43.421	- 0.86
Póvoa de Varzim	40.444	54.248	15.82	54.788	1.00
Famalicão	79.250	106.508	15.93	114.338	7.35
Vila Verde	42.256	44.432	2.54	44.056	- 0.85
Viana do Castelo	75.320	81.009	3.71	83.095	2.58

Na última década o ritmo de crescimento baixou, tendo a taxa de crescimento ficado abaixo dos 8%. Mas esta taxa é, em termos relativos, muito significativa, já que valores da mesma ordem de grandeza só se encontram em concelhos portugueses das periferias de Lisboa e Porto, e em alguns concelhos que correspondem a sedes de distrito (por exemplo Braga).

O aumento verificado é em boa parte devido a condições naturais de crescimento, ou seja, a taxa de natalidade embora esteja a descer, continua a ser superior à taxa de mortalidade e superior à taxa de natalidade que se verifica a nível nacional. Consequentemente, ao contrário do que está a ocorrer em tantos municípios, em Barcelos o saldo fisiológico é claramente positivo.

Em boa parte como consequência da dinâmica em causa, verifica-se que mais de 45% da população do concelho, em 1991, tinha uma idade inferior a 24 anos, percentagem que é mais elevada em Barcelos do que em qualquer outro concelho das sub-regiões do Cávado e do Ave que são, por sua vez, no contexto nacional duas das áreas de população mais jovem.

A população com menos de 24 anos residente em Barcelos, em termos absolutos, só é suplantada em cerca de 9.000 habitantes pelo concelho de Braga que, no total de todos os escalões etários, possui um número de residentes superior a cerca de 30.000 habitantes. O concelho de Famalicão apesar de em termos absolutos ter mais residentes que Barcelos, neste escalão etário é inferior em cerca de 2.500 habitantes. Em termos percentuais Barcelos é o concelho mais jovem da área em estudo, e, consequentemente, o concelho mais jovem de Portugal.

POPULAÇÃO RESIDENTE POR ESCALÕES ETÁRIOS EM 1991						
Concelhos	Escalão Etário					
	Total	0-14	15-24	< 24 - %	25-64	> 65
Barcelos	111.733	28.859	22.900	46.32	50.134	9.840
Braga	141.256	33.459	27.483	43.14	68.016	12.298
Esposende	30.101	7.760	5.719	44.78	13.564	3.058
Ponte de Lima	43.421	10.219	7.977	41.91	19.026	6.199
Póvoa de Varzim	54.788	13.053	10.581	43.14	26.036	5.188
Famalicão	114.338	26.647	22.700	43.16	55.781	9.210
Viana do Castelo	83.095	17.712	13.859	37.99	40.404	11.120
Vila Verde	44.056	11.388	8.119	44.28	18.780	5.769

POPULAÇÃO ESCOLAR

A particularidade de Barcelos ser o concelho mais jovem reflecte-se na população escolar, não apenas no que se refere ao ensino obrigatório, mas mesmo no que concerne ao ensino secundário.

O surto de crescimento verificado até aos anos 80, trouxe consequências graves para o parque escolar e obrigou à construção de novos edifícios, ampliação de outros e implantação de pavilhões pré-fabricados.

Hoje a situação é totalmente diferente. Mesmo assim, ainda existem em funcionamento 107 edifícios, com alunos do 1º ciclo. Já foram muitos mais, pelo que, neste momento, já há 5 escolas desactivados por completo (9 salas) e 3 foram reaproveitados para outros fins



Escola do 1º Ciclo

que não escolares (5 salas). Depois de devidamente recuperados, em 15 antigos edifícios escolares funcionam jardins de infância, num total de 27 salas. Entre desactivadas, reaproveitadas e transformadas contam-se 23 edifícios e 41 salas.

A obrigação de rentabilizar espaços livres levou, ainda, à instalação de 16 jardins de infância, em escolas do 1º ciclo em actividade, num total de 22 salas.

Mesmo assim, com este programa de rentabilização dos espaços, ainda há cerca de meia centena de salas que estão devolutas.

Num curto espaço de tempo desapareceram dezenas de pré-fabricados e mais de uma centena de salas foram libertadas.

Acresce a este cenário que, na década de 80, em todos ou em quase todas as escolas funcionava o regime de desdobramento. Hoje, como consequência do elevado número de

alunos, são muito poucas as escolas que funcionam neste regime. Por outro lado são poucas as que funcionam em regime normal (invocando vários motivos, apresentados e aprovados pela DREN), pelo que a maioria funciona ou só de manhã ou só de tarde. Assim, o número de salas devolutas em metade do dia aumenta substancialmente, o que permitiria albergar uma maior população escolar.

Constata-se, à maneira de conclusão, uma diminuição da população escolar a nível do 1º ciclo do ensino básico, o que se verifica desde a década de 80. Neste momento, tendo em consideração os últimos três anos, caminha-se para a estabilidade.

Observa o quadro que se segue:

ANOS	1980/81	1985/86	1990/91	1995/96	1996/97	1997/98
1º ano	3.480	2.385	1.911	1.733	1.678	1.675
2º ano	4.666	3.121	2.864	1.809	1.763	1.731
3º ano	2.751	2.129	1.954	1.783	1.761	1.746
4º ano	3.733	2.749	2.390	2.144	1.960	1.899
TOTAL⁴	14.630	10.384	9.119	7.469	7.172	7.051

⁴ Agradecemos à Delegação Escolar e às secretarias das escolas a atenção que nos dispensaram, fornecendo-nos elementos constantes neste quadro.

O tempo passado na escola do 1º ciclo que há anos atrás se chamava primária, é sem dúvida marcante na vida de cada um. Daí a responsabilidade dos professores deste nível de ensino, porque deles, juntamente com os pais, pode depender a construção de uma personalidade forte ou a criação de traumatismos insanáveis.

O ambiente vivido na escola, sobretudo nesta idade, traz consigo razões para dela gostarmos ou não, o que nos deve levar a saber mais da Escola que frequentamos ou frequentámos, dos professores que nos educaram e instruíram.

Elabora um questionário, colocando perguntas para as quais queiras respostas, tais como: quando foi construída a escola; quantos professores por aí passaram e donde eram; quem foram os directores; quais os auxiliares de acção educativa; quais as festas mais importantes que aí se realizaram; quem foi a personalidade mais importante que a frequentou, etc.

Com a ajuda dos professores, dos pais e de pessoas mais velhas, acabarás por produzir uma história da tua escola.

Numa análise mais alargada, tendo como suporte a população escolar a nível do ensino básico e secundário, no espaço entre 1991/92 e 1997/98, para não recuarmos mais no tempo, chegamos a outras conclusões.

Repara no quadro que se segue:

POPULAÇÃO ESCOLAR, NO CONCELHO DE BARCELOS, ENTRE 1991/92 e 1997/98			
Níveis de Ensino	1991/92	97/98	Evolução 91/98
1º ciclo básico	9.218	7.051	- 2.167
2º ciclo básico	3.986	4.308	+ 322
3º ciclo básico	2.861	5.286	+ 2.425
Secundário ⁵	1.796	3.691	+ 1.895
TOTAL	17.861	20.336	+ 2.475

1. Considerando o número de alunos por níveis de ensino, verifica-se a existência de duas tendências de sinal contrário: diminuição da população escolar no 1º ciclo e aumento nos restantes ciclos e secundário.

2. As taxas de crescimento, em relação ao ano de 91/92, explicam-se em parte pelo alargamento da escolaridade obrigatória até ao 9º ano. Esta obrigatoriedade entrou em vigor para os alunos que se matricularam no 1º ano em 1987/88, e cujo processo se completou 1993/94.

⁵ Estão incluídos os alunos das escolas profissionais.

3. A estabilidade que, neste momento, se verifica a nível do 1º ciclo, leva-nos a depreender que o 2º e 3º ciclos manterão a mesma frequência nos próximos anos. Segundo a previsão avançada pelo Gabinete de Estudos e Planeamento⁶, o ensino secundário terá um crescimento ininterrupto até à entrada do novo milénio.

4. O fenómeno de crescimento do ensino secundário, em Barcelos, não pode apenas estar inerente à escolaridade obrigatória de 9 anos, mas, forçosamente, está aliado ao potencial mercado de trabalho, tendo em consideração o tecido económico do concelho.

5. Com a obrigatoriedade do ensino básico até ao nono ano e enquanto as escolas do 1º ciclo se desertificavam, tornou-se necessário construírem-se mais estabelecimentos de ensino para alunos do 5º ao 12º anos. Assim, nos anos 90 entraram em funcionamento as EB 2 e 3 de Manhente, EB 1, 2 e 3 de Vila Cova, EB 2 e 3 Abel Varzim, Escola de Tecnologia e Gestão, Casa Escola Agrícola do Vale do Neiva (Tamel S. Veríssimo) e ampliaram-se, com novos corpos de aulas, as Escolas Secundária de Barcelos e Cooperativa de Ensino Didálvi.

Além destas, dentro dos limites geográficos do concelho, já existiam as Escolas Secundária Alcaides de Faria, Secundária de Barcelinhos, EB 2 e 3 Gonçalo Nunes, EB 2 e 3 de Barcelinhos, Colégio de La Salle, e EB 2 e 3 de Viatodos.

Ainda existem, no concelho, EBMs (postos de telescola), algumas delas com tão poucos alunos (3, 7...) que não justificam este tipo de ensino que, noutros tempos, foi importante.

Para a resolução quase total do problema do ensino a nível do 2º e 3º ciclos e secundário, vão ser construídas duas novas escolas, uma em Lijó e outra em Fragoso, com uma capacidade para 800 alunos cada.

⁶ Desenvolvimento dos Recursos Humanos, cenários até 2005, Lisboa; M.E., 1987.

As escolas de fora do concelho mais frequentadas por alunos residentes em Barcelos são as EB 1, 2 e 3 de Forjães, EB 2 e 3 de Barroselas, EB 2 e 3 de Cabreiros, Alfacoop de Ruílhe, EB 2 e 3 de Rates e EB 2 e 3 de Apúlia.



Escola Básica do 2º e 3º Ciclos

Ao longo deste trabalho, de acordo com a Nota de Abertura, as questões colocadas destinavam-se a alunos dos diversos níveis etários. As perguntas colocadas aos mais novos não podiam ter a mesma complexidade, das apresentadas pelos mais velhos. Cada um, com a ajuda do seu professor ou encarregado de educação, imprimia-lhe o grau de dificuldade que quisesse.

Agora, quero dirigir-me, em especial, aos alunos do 3º ciclo e do Secundário, para lhes fazer uma proposta, cujo desenvolvimento exige mais investigação.

Individualmente, ou em trabalho de grupo, comecem a fazer uma pesquisa que vos permita recolher elementos para fazerem a história da escola, onde actualmente estudam. Recolham informações publicadas em livros e jornais, consultem as actas dos conselhos directivo e pedagógico, solicitem a colaboração dos serviços administrativos, peçam ajuda aos professores, pais, ex-professores e ex-alunos, ouçam as pessoas que aí trabalharam como operários, serventes e auxiliares, enfim, busquem todas as fontes que sirvam para construir a História. Nunca esqueçam que a História requer e exige seriedade, pois é o testemunho dos tempos à luz da verdade e como tal só se faz com documentos.

O trabalho mais conseguido poderá vir a ser publicado pela Escola. Façam esse desafio ao Conselho Directivo.

OS JOVENS À PROCURA DE EMPREGO

Uma das preocupações dos jovens de hoje é o emprego no dia de amanhã. A criação de alternativas ao mundo do trabalho impõe-se. Daí a importância desta abordagem, que poderíamos intitular de *“economia, repartição da população activa e futuro”*

O concelho de Barcelos pode classificar-se sobre o ponto de vista económico como sendo essencialmente industrial, sobretudo após a evolução verificada à partir de 1981 ao longo de cujo período o número de activos do sector secundário residentes no concelho aumentou aproximadamente de 21.500, para 33.000 em 1991.

O crescimento do emprego neste sector deve-se sobretudo, à indústria têxtil e do vestuário. Este sector, no seu conjunto, representa 65% dos empregos disponíveis do concelho, muitos em empresas de grande dimensão e considerável prestígio a nível nacional e internacional, a actuarem ao lado de um grande número de pequenas e mesmo de minúsculas empresas de carácter familiar.

A propósito do enorme peso da indústria têxtil no concelho é de sublinhar que esta não é a actividade pela qual Barcelos é mais conhecido; essa é a cerâmica industrial ou artesanal, mais concentrada a poente da cidade, na antiga região de Prado. O “Galo de Barcelos”, é símbolo de Portugal e conhecido em todo o mundo.

Ao lado destas indústrias, embora com menos peso económico, pode considerar-se a indústria do calçado, que se encontra implantada a sul/sudoeste do concelho.



Galo de Barcelos

O destino majoritário da produção industrial do conelho, com exceção do artesanato, é a exportação para o estrangeiro.

As restantes indústrias têm escasso significado, as quais, incluindo a construção civil, só empregam cerca de 2.000 pessoas.

Em oposição à expansão de postos de trabalho no sector secundário, verifica-se um declínio muito claro no sector agrícola (que é o único com significado no sector primário) enquanto sector empregador. Apesar do menor número de trabalhadores na agricultura e de algumas parcelas de terreno se encontrarem “a monte”, a produção de carne, leite e vinho não diminuiu, pelo contrário aumentou, fruto da mecanização.

Em paralelo o sector secundário, observa-se uma expansão, mas menos sensível, no sector terciário, cuja taxa de actividade aumentou e que hoje oferece mais de 11.000 empregos no concelho.

Das várias actividades terciárias, o comércio e administração são de longe, aliás como acontece normalmente, as de maior peso no concelho.

Para a actual população escolar, numa esperança de emprego, recomenda-se a progressiva preparação e formação, fundamental para assumir novas alternativas de trabalho e para actualizar/modernizar, com imaginação e sentido estético, as actividades económicas tradicionais e a introdução de outras.

É de notar, ao nível das análises que têm sido feitas para a faixa atlântica da Europa, a característica ímpar da actividade industrial do norte de Portugal, quanto à percentagem elevada de indústrias do tipo tradicional (têxteis) a que corresponde uma conseqüente fragilidade, traduzida em eventuais práticas obsoletas e trabalho caseiro. Por outro lado reconhece-se na população do norte de Portugal o talento da força de trabalho e uma grande capacidade de adaptação a novos modelos personalizados, no sentido apropriado de uma Europa à beira de uma terceira revolução industrial.

EQUIPAMENTOS CULTURAIS

Barcelos está hoje dotado de uma série de equipamentos culturais, os quais contribuem para o desenvolvimento harmonioso e formação global do homem como homem e educação das suas faculdades.

De entre os equipamentos existentes, ao serviço dos Barcelenses, podemos destacar:

A BIBLIOTECA MUNICIPAL

Está situada no Largo Dr. José Novais, na antiga Casa dos Machados da Maia, trata-se de um edifício que a Câmara Municipal de Barcelos adquiriu em 1990.

A parte antiga foi recuperada e no terreno do logradouro fizeram-se as ampliações necessárias a fim de permitirem a aplicação do programa e a funcionalidade exigida, para este equipamento que se pretende esteja ao serviço dos Barcelenses. Tem uma área construída de 4.070 m², pelos diferentes pisos, dotada de gabinetes de trabalho, áreas de manutenção, armazém de depósito geral, salas de leitura para adultos, secção infantil, canto do conto, sala de audio e video, auditório e sala de reservados. É um espaço agradável, capaz de atrair pessoas dos diferentes estratos sociais e etários.

Está bem equipada, dotada de mobiliário adrede pensado e mais de 45.000 documentos à disposição do público, para consulta – livros, jornais, revistas, audiovisuais – uma inesgotável fonte de prazer e de desenvolvimento humano, científico e pessoal

É frequentada por estudantes, jovens, pessoas de mais idade e crianças que aqui passam momentos importantes para a sua formação humana e intelectual. O utilizador pode aqui adquirir competências no domínio da formação e informação, de acordo com o seu interesse

e os seus objectivos, recorrendo às fontes disponíveis nos mais variados suportes.

Ao auditório desloca-se para usufruir dos espectáculos musicais e teatro, participar em colóquios, conferências e outras actividades culturais.

Foi aberta ao público em 9 de Dezembro 1996 e inaugurada oficialmente por sua Ex. cia o Ministro da Cultura, Dr. Manuel Maria Carrilho, em 9 de Julho de 1997.



Secção Infantil da Biblioteca Municipal

MUSEU DE OLARIA

.Em 4 de Julho de 1963 a Câmara Municipal adquiriu a Casa dos Mendanhas. Em 1975, destinou o espaço para Museu de Olaria. Na década de 90 foi necessário proceder-se a obras de recuperação, ampliação e adaptação, a fim de albergar e estudar todo o espólio existente.

Actualmente trata-se de um edifício com uma área de ocupação de 2.000 m², dividida por três pisos, com salas para inventariação, restauro, reuniões, reservas, biblioteca, arquivo, serviços administrativos, um pátio interior que permite o encontro e diálogo de todos quantos se dirigem ao auditório, gabinetes específicos e três salas de exposições.

A génese deste Museu deve-se a Joaquim Sellés Paes de Villas Boas, estudioso, arqueólogo, etnógrafo, que, em 1952, ofereceu à Câmara Municipal a sua colecção particular de cerâmica. Desta maneira, com a doação de um espólio de reconhecida valia, Sellés Paes prestou um serviço à sua cidade que tanto amava e contribuiu para preservação da memória do passado.

Depois desta doação, a Câmara Municipal tem vindo a adquirir colecções em centros oláricos extintos ou em vias de extinção, em locais onde ainda há produção e em antiquários, e, hoje, o espólio do Museu é constituído por mais de 7.000 peças inventariadas, provenientes das mais diferentes regiões do país e de outros países, com uma certa predilecção pelo fabrico nos países lusófonos.

Para além do espólio cerâmico, o Museu tem uma biblioteca especializada com cerca de 4.000 volumes que podem ser consultados por todos os estudiosos da matéria e um arquivo constituído por postais, gravuras, negativos e diapositivos.

Trata-se de um Museu onde se dá realce à investigação, cujos resultados podem ser publicados nas séries monográficas editadas pela Câmara Municipal - Museu.

Foi aberto ao público e inaugurado com solenidade, em 29 de Julho de 1995. É um organismo vivo, um espaço onde se guarda e preserva a memória do passado, onde se expõe, se documenta e divulga a alma e o sentir do povo, onde cientificamente se investiga a arte, a tradição e o modo de fabrico, onde se transmite às gerações mais novas a herança do passado cultural e também é um espaço pedagógico e didáctico, em que alunos e professores marcam encontro.

É o único do género em Portugal e há muito que ultrapassou as fronteiras locais e da região, sendo considerado no estrangeiro quer pelo seu espólio, quer pela qualidade e interesse científico das suas publicações.



Sala de Exposições do Museu de Olaria

MUSEU ARQUEOLÓGICO

O Museu arqueológico, também conhecido por Museu Lapidar de Barcelos, “criado oficialmente em 1920, pelo Dr. Miguel da Fonseca”, encontra-se instalado na área envolvente das ruínas do Paço Condal. Contém peças provenientes de diferentes locais do concelho, representativas de diversas fases da história de Barcelos, desde a Pré-História à Época Moderna.

CASA CONDE VILAS BOAS / ARQUIVO MUNICIPAL

A família do Conde Vilas Boas, doou à Câmara Municipal de Barcelos a casa senhorial que possuía, no centro histórico, junto ao rio, encostada à antiga muralha sul, em frente aos Paços do Concelho. Na escritura de doação foi posta a condição de lhe ser dada uma utilização de interesse cultural. Tal facto levou à elaboração de um projecto de recuperação, com dois objectivos: instalação do Arquivo Municipal e Museu da Cidade. Este com uma tríplice vertente: arqueológica, etnográfica e arte sacra.

De acordo com o projecto de execução já aprovado, temos a certeza que a Casa Conde Vilas Boas será um equipamento de preservação do património e de realização de eventos de interesse cultural, que servirá não apenas os que a visitam, mas as escolas podem contar com esse importante espaço para o desenvolvimento de iniciativas pedagógicas previamente definidas.

A parte referente ao **ARQUIVO MUNICIPAL**, já está recuperada.

A complexidade da administração municipal, ao longo dos séculos, deu origem a variadíssimas séries arquivísticas, testemunhos importantes para o estudo dos municípios, na

sua evolução e diversidade de funções. Assim uma parte considerável do património arquivístico nacional encontra-se na dependência das Câmaras Municipais.

O Arquivo Municipal de Barcelos apesar dos riscos a que esteve sujeito, encontrou, nos últimos anos, por parte dos responsáveis a sensibilidade exigida, para a sua salvaguarda e organização.

Instalado em local preparado para o efeito, está em óptimas condições de conservação, onde os investigadores, em condições dignas, o podem consultar e estudar.

Desde a Carta de Foral (1515), aí podemos encontrar documentos sobre ordens régias, leis, cartas precatórias, colecções de legislação, pautas, actas, posturas, regulamentos, editais, acórdãos municipais, livros de correspondência recebida e expedida, escrituras, inventários patrimoniais (tombos, prazos, testamentos), livros de receita e despesa, contabilidade e



Interior do Arquivo Municipal

tesouraria, séries relativas a impostos, eleições, funções militares, justiças, habitação, assistência, educação, cultura, actividades económicas, etc.

O Arquivo Municipal conserva todo o tipo de documentos produzidos pela Câmara, em função e no decurso da sua actividade. Nada impede, porém, que fundos exteriores à Câmara, de pessoas ou instituições, sobretudo tratando-se de documentação de interesse local, aí possam ser recolhidos e conservados. Para além de serem preciosas fontes de informação para os estudos da história local, no arquivo municipal não correm o risco de se perderem ou serem utilizados para outros fins que não a memória colectiva.

O Arquivo Municipal abriu ao público no dia 2 de Dezembro de 1997.

GALERIA DE ARTE

Trata-se de um equipamento cujas obras ficaram concluídas em 1997. A amplitude e as características do espaço irão permitir aos Barcelenses defrontarem-se mais vezes com a arte, fruto da inspiração e criação dos autores.

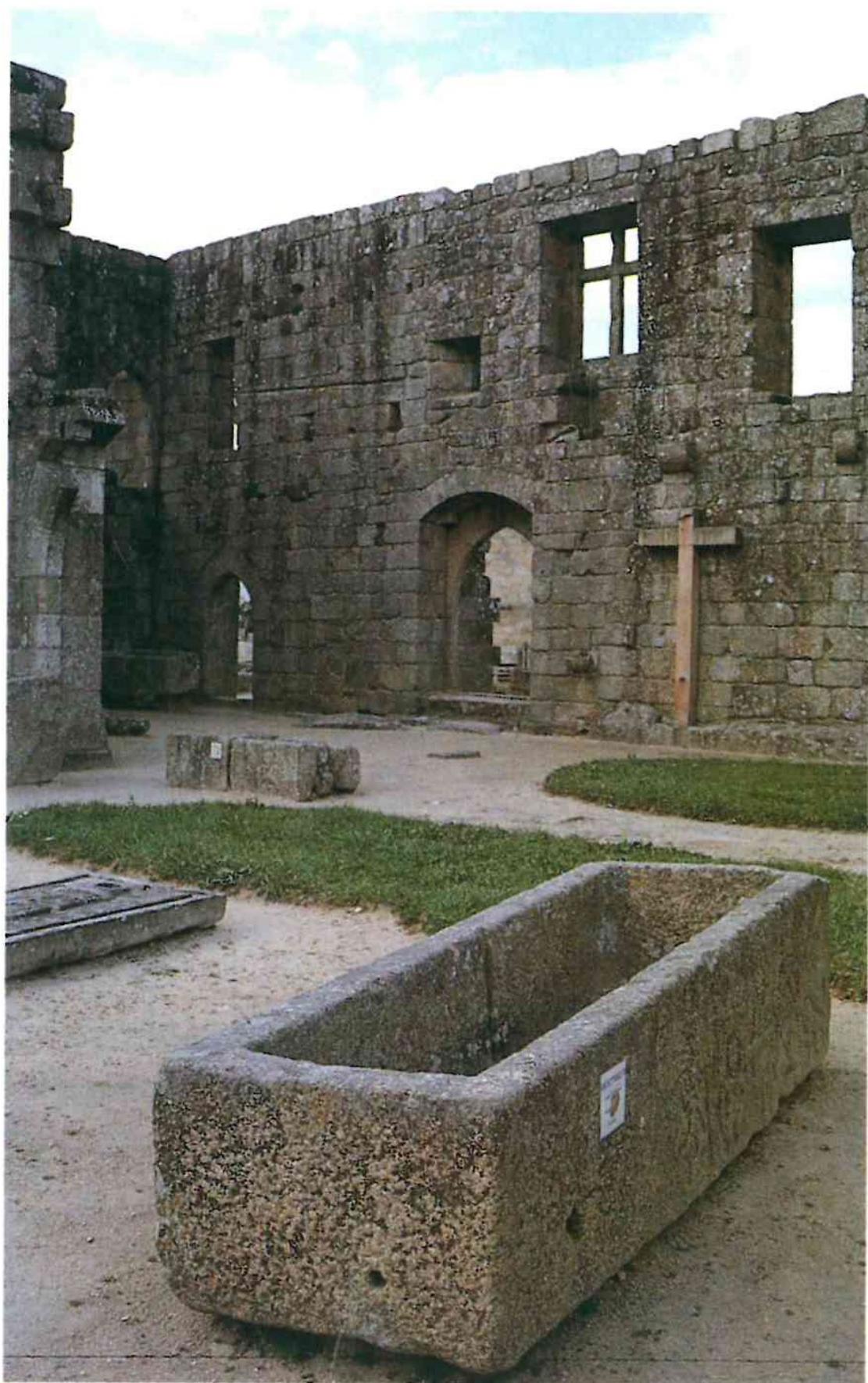
Aqui haverá espaço para ser criador e receptor, sujeito activo ou passivo de aspirações que transcendem o tempo. ■

CONCLUSÃO

As Comemorações dos 700 anos da Elevação de Barcelos a Condado estão centradas, essencialmente, em parâmetros histórico-culturais. Esta filosofia imposta, à partida, obrigou-nos a pensar em alunos, professores, pais e amigos, em Barcelos no passado e no presente.

Com esta publicação, como já foi referido, voltada essencialmente para as escolas, tivemos como escopo principal conseguir que os alunos, professores e os Barcelenses, agora ou no futuro, conheçam melhor a sua história, respeitem e preservem o património, projectem o futuro, sejam investigadores amanhã e amem mais a sua terra. Se o tivermos conseguido, valeu a pena.

**Paço Condal
Museu Arqueológico**



ÍNDICE

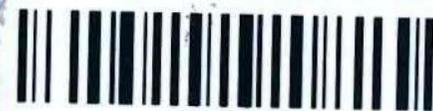
Nota de Abertura.....	5
Apresentação	7
Barcelos Terra Condal.....	9
Condes de Barcelos Duques de Bragança	15
O Rei D. João II e os Condes de Barcelos	15
Reabilitação do Condado	17
A restauração - 1640	18
Barcelos no Passado	21
Património	22
Património Classificado	31
Barcelos no Imaginário	35
Barcelos no Presente	43
População Escolar	47
Os Jovens à Procura de Emprego	55
Equipamentos Culturais	58
Conclusão	65

1000



CÂMARA MUNICIPAL
DE
BARCELOS

biblioteca
municipal
barcelos



29662

Barcelos terra condal